

TRANS NA PERIFERIA: UM RELATO

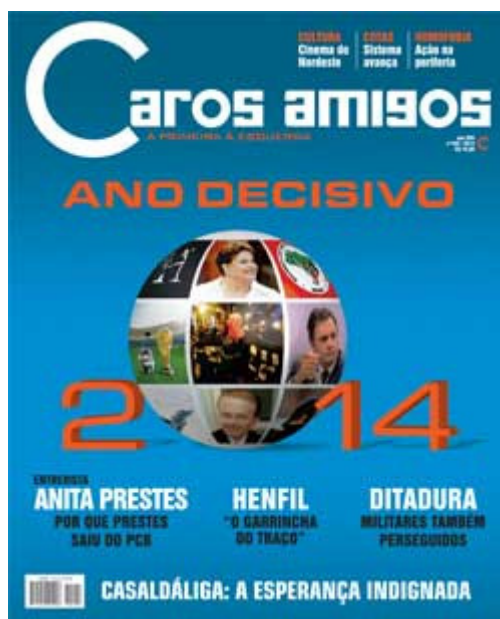
<http://carosamigos.com.br/index.php/cotidiano/3869-gays-na-periferia>

Publicado em Quarta, 05 Fevereiro 2014 10:28

A [edição 202 da revista Caros Amigos \(clique e saiba mais\)](#) publica reportagem exclusiva sobre a homofobia e a luta LGBT na periferia. Confira abaixo, na íntegra, o relato de **Deborah Sabará**, uma das milhares de transexuais do País que enfrentam a violência e preconceito diariamente.

Por Lena Azevedo

Deborah Sabará, transexual como gosta de se definir (“travesti é homem que se fantasia de mulher para espetáculo teatral. Eu vivo minha transexualidade 24 horas”), hoje com 33 anos trilhou um caminho comum à maioria das trans. Expulsa de casa ainda cedo, teve de lidar com a falta de estrutura, moradia, escola e até o que comer. São crianças e adolescentes que desde cedo têm de enfrentar não só a homofobia, mas os efeitos que se mantêm pela vida toda. Deborah Sabará é coordenadora do Fórum Estadual LGBT no Espírito Santo, coordenadora adjunta da região sudeste da ABGLT e da Associação Nacional das Travestis (Antra).



Relato de Deborah Sabará

"Quando eu era pequena, mesmo me vestindo de homem a minha identidade estava lá, no meu jeito. Eu era proibida de passar em determinada rua, na escola tinha que chegar meia hora antes e sair 30 minutos depois para não sofrer humilhações. Saí de casa aos 13 anos e só voltei agora com 33. Fui morar na rua. No primeiro dia, ia dormir em frente à catedral, mas tinha muitos meninos e corri. Tive medo de ser estuprada, assaltada. Fui para frente de uma loja. No terceiro dia entrei nessa loja para comprar alguma coisa. Eu só tinha R\$ 11,00 e fiquei escolhendo muito. Um segurança me pegou dizendo que eu estava roubando. Não tinha roubado. Uma senhora viu a cena e me defendeu. Eu não sei dizer exatamente a fala da mulher, mas sabia que ela tinha um olhar diferente, já naquela época. Ela dizia: 'ela não é ladra. Ela tem uma coisa que vocês não estão entendendo'. Ela queria dizer que eu era uma transexual, que tinha saído de casa por sua orientação sexual e que eles estavam me confundindo. E aí passou uma transexual na hora. Ela cha-

mou essa trans e disse a ela: 'isso aqui é com você, resolve'. Foi quando eu fui pra casa dessa pessoa, fiquei morando até dar seguimento nas minhas coisas.

Ali eu fui ensinada a viver na vida, que é diferente. A pessoa ensinava: você tem que se vestir assim, tem que tomar o remédio tal, se comportar assim, o silicone é isso, a droga, tem que usar camisinha... Isso tudo me foi pautado desde que eu saí de casa. Eu fiquei muito tempo cuidando da casa dessa pessoa até que eu resolvi sair. A vida da gente é o tempo todo de surpresa. E aí fui para a prostituição e me prostitui por um bom tempo.

Eu defendo a cultura porque conheci amigos de infância que estava se envolvendo com cultura e me chamaram para participar de um ensaio de uma escola de samba. Lá eu descobri que eu amo o samba, que eu descobro que eu sei bordar, cortar e vou crescendo dentro da escola de samba. Eu tenho o dom e fui aprendendo. Daí, eu entro pro carnaval e começo a ganhar dinheiro e deixar um pouco a prostituição. Mas o serviço de carnaval não é o ano todo. Acabava o Carnaval, a gente levava cano dos presidentes das escolas e tinha que voltar à rua. Fui saindo e há alguns anos estou fora da prostituição.

Hoje estou em casa, com meu filho adotivo de 13 anos e que eu peguei com cinco dias. Meu pai, que ajudou os filhos todos e sabia que eu tinha sofrido uma diferença nessa construção familiar – eu saí de casa, parei de estudar, de frequentar tudo. E ele deixou a casa que ele construiu pra mim. Quando ele faleceu, a família combinou que eu podia entrar na casa se eu tivesse vontade. Fiquei resistente ainda oito anos. Eu achava que eu podia conseguir, mas eu vi que não dava porque não tinha ensino fundamental.

Militância

Aí, através dos militantes, dos amigos é que eu faço todo o processo de voltar pra escola, cursar ensino fundamental, médio, entrar no emprego. Minha família era evangélica. Meu pai da Assembleia de Deus, onde tudo é proibido. Eu fui a única que me desviei. Fui pra Igreja Católica, CEB (Comissão Eclesial de Base). A igreja foi a minha formadora de direitos humanos, mesmo com as dificuldades. A Igreja Católica naquela época já falava, de certa forma, de diversidade sexual, racismo, pobreza, natureza, trabalho com crianças e adolescentes, das pessoas em situação de rua. Isso me ajudou no processo todo, porque na rua, a rua tem donos, como diz a poesia de um menino, os donos aparecem à noite e você tem que aprender a viver naquele mundo.

Muita gente fala que é preciso sair do armário. Política pública não é tudo. Falta também a família se orgulhar de ter um filho gay, uma filha lésbica, trans, com carinho igual.

Não é só trabalhar a autoestima do gay, de falar pra pessoa sair do armário e pegá-la desprevenida. Aí a pessoa abre o armário, pula e vem a família atrás e joga o armário em cima dela. Não adianta.

Outro dia recebi uma ligação de uma pessoa que estava apanhando do pai, que achou roupas femininas no armário dele. Eu instruí para ligar pro Disque 100, chamar a polícia, mas ela me disse que já tinha combinado com o pai, que é evangélico. Ele esquece tudo, para de me bater, vou pra igreja e viro heterossexual. É imposição. O que acontece: se ela assume, ela tem de sair de casa, saindo de casa tem de largar a escola. Que fim vai ter essa pessoa? Prostituição e olhe lá, porque hoje em dia não funciona mais.

Prostituição

Prostituição hoje não tá naquele lucro. A cobrança para se prostituir é muito dura. É o que eu chamo de ditadura trans e midiática: ela indica o padrão de beleza e quem você deve achar bonito: o homem de barriga tanquinho, com tatuagem e

entrada nos cabelos, e a mulher a mesma coisa – com barriga sarada, pernas. Até isso influencia a prostituição. E a ditadura trans, que as pessoas querem ditar a sexualidade de uma forma que coloca como padrão que todo mundo faça cirurgia, porque é certo fazer cirurgia.

Na mídia, como somos tratadas? Achamos ótima a minissérie que colocou a filha de um presidente como transexual, mas na hora de escolher o ator foi um hétero que interpretou e não uma trans. Porque não usar uma trans real no papel? Seria legal. A mesma emissora de TV tem um programa, que eu adoro, mas que me deixou triste desde o momento em que eles colocam uma travesti (é assim que eles chamam) que namora com um bandido. E que teve um show que jogaram papel, ela foi vaiada. Em todos lugares que ela vai é escorraçada. Ai a gente tem a trans que é filha do presidente e a travesti que é mulher de um bandido. É o estigma novamente. A travesti é uma caricatura, que se veste com roupa extravagante.

A travesti, a transexual quer a perfeição da mulher. Porque mulher pode usar roupa curta e a trans não? A mídia vende as travestis como briganças, na prostituição, ladra. As trans não, são a Ariadna, a Lea T, Roberta Close. E isso está impulsionando as pessoas a fazer cirurgia e pessoas que não têm vontade de fazer cirurgia. Uma pessoa que não quer ser operada e faz lá fora do país, a um custo de R\$ 10 mil. Ela vai lá junta dinheiro, troca o sexo, casa e acha que tá tudo certo. Porque todo mundo diz que tá tudo certo, que você tá sendo respeitada.

Gênero

A Ariadna e a Lea T estão sendo usadas como um total da população trans e não são. Ai você vai pra fora, faz a cirurgia e quando volta ao Brasil já não é válida pra troca de nome. O que eles querem colocar é que o órgão biológico é que diz se você é mulher ou não. E não é isso, é o gênero, é como você vive no mundo, como se apresenta à sociedade. Quem indica o feminino e o masculino? O órgão? O órgão você tem e tá lá embaixo.

E você chega operada e apaga a sua história, essa coisa cultural da sociedade de sempre te questionar. Ninguém vai te pegar na mão só porque você mudou de sexo. Não dá certo. Você vai continuar sendo anomalia para essas pessoas. Tem relatos de trans que tinham sua vida toda na cidade, eram cabelereiras, viajaram, fizeram a cirurgia, foram pra outro município. Quando chega lá não dá certo porque ninguém tinha o mesmo carinho por ela como na outra cidade. Ai ela volta pro interior, achando que todo e qualquer menino vai querer namorar com ela. Não deu certo, porque a história dela não é apagada. Todo mundo cresce ouvindo: 'aquele foi o homem que cortou o pinto'.



Preconceito trans

O preconceito contra gays, lésbicas é diferente para o de trans. Você hoje vê no shopping gays de mãos dadas andando pelo shopping, alegres, divertidos, bem arrumados. Eu te desafio a olhar e encontrar a travesti no shopping. Hoje fazem propaganda dizendo que querem ter atendente de loja no shopping para vender, chamar clientela, porque tratam melhor os clientes. Pergunta onde está a travesti? Você não vai achar uma travesti nem caminhando dentro do shopping. É uma raridade. Procure, então uma travesti com o marido dela. Você não vai achar. É diferente. É um preconceito ainda maior.

A sociedade se acostumou a dizer: 'que lindo, que corajoso, dois homens juntos, de mãos dadas, ou que lindas duas mulheres abraçadas. Isso é vitória pra vocês!' Mas ao encontrar com a travesti, eles não sabem nem o que dizer. Tem hora que eu me sinto um dinossauro, um ser que nunca foi visto. Você anda no meio da ruas as pessoas olham: 'ah, é uma travesti, é um homem'. As pessoas as vezes vão perguntar algo e dizem: você é homem ou é mulher? Eu estou vestida desse jeito, indicando e você ainda me pergunta o que eu sou? Eu sou uma mulher, não biologicamente, e pronto. As pessoas não tem nem o termo certo, não sabe tratar, se 'o' travesti ou 'a' travesti.

A maioria das pessoas fazem cirurgia no SUS, mas tem algumas que vão para um país que está muito avançado nesse tipo de operação. Aí a pessoa vai para São Paulo se prostituir, porque lá tem uma vida noturna intensa. Faz sexo ativa e passivamente, junta dinheiro e vai pra fora retirar o pênis e transformar em vagina. Mas se você usou o pênis pra ser ativo com seu parceiro, como que você tira? Que falta é essa? O SUS fazia a cirurgia, mas nem todos os estados estavam reformulados para o processo transexualizador, que só entrou agora, no dia 18/11 do Ministério da Saúde. Fizemos uma pressão no sapatinho para evitar polêmicas. O ministro fez o pronunciamento da portaria no dia 30 de julho e depois teve que revogar, por causa da pressão dos religiosos. Aí, sem alarde, o ministério baixou novamente a portaria e agora vamos forçar para que isso seja implementado, porque existe a cirurgia no Hospital das Clínicas, mas não existe o processo de hormonioterapia, que tá lá no documento, de acompanhamento psicológico dois anos antes.

O estigma das mulheres trans é bem diferente dos demais, até mesmo dos homens trans. As pessoas chegam, postam fotos no Face, as pessoas vão curtindo, compartilhando e falando: 'se eu vejo eu pego'. Olha a diferença. Para as travestis eles falam: 'traveco, vai jogar bola, João..' Caiu pra sociedade diferente.

Atraso

E as pessoas ainda dizem: não existe preconceito. Então observe meu filho, que é negro, passar na roleta de um ônibus e veja como as pessoas puxam a bolsa para junto do peito, enfiam a mão e seguram a alça, abaixam o celular e botam do lado, e olham com uma cara tipo 'não senta do meu lado'. Aí, naquele caminho a pessoa que menos fizer uma cara feia é que você senta ao lado. Isso tá tão naturalizado no tratamento ao negro e pra gente que é trans. Eu quando passo a roleta e vejo a expressão: 'lá vem ela'. Já teve homem que levantou e saiu, porque tinha receio de me pedir pra levantar. Hoje, um cara ao meu lado estava quadrado, não sabia o que fazer. Isso é respeito, medo, tolerância ou é preconceito? Fobia é medo, receio ante ao perigo que está por vir. Eu tô vendo uma coisa, uma cobra andando na rua e vou juntar um monte de pessoas para dar paulada na cobra. A cobra vai avançar em você, vai te picar? O sapo tá pulando na rua. Qual a intenção de matar? E as pessoas vão ensinando isso: mata a cobra, mata o sapo... Porque? E é a mesma coisa com trans.

Estava em Guarapari e uma senhora, vendo algumas trans na rua virou e falou: 'olha lá o foco'. Eu falei: 'como minha senhora? Foco é foco de dengue. E ela respondeu: 'é que fico preocupada com meu filho pequeno, que passa na rua e vê esse

monte de travesti. Na hora que a gente vai pra igreja elas tão de vestido, quando a gente volta, elas estão de biquíni e meu filho olha pra elas'. Estava na época do BBB (*Big Brother Brasil, programa de show real*). Eu perguntei se o filho dela, quando entrava em casa ficava olhando as travestis na rua. 'Não, ele fica assistindo Big Brother.' Eu não entendo isso. Na TV tem aquele monte de pessoas se assediando, fazendo academia, contando uma vida de mentira, de sucesso que não existe. 'Não incomoda a senhora seu filho assistir um programa que tem um homem e uma mulher se pegando na piscina o tempo todo de biquíni? O mesmo biquíni que tá lá na rua, tá na TV. O problema é que lá na rua tem um órgão genital masculino com gênero feminino e na televisão tem dois biologicamente nascidos com gênero e sexo. Você veja que em 500 anos agora é que tivemos uma trans doutora (Luma Nogueira Andrade obteve, em agosto de 2012, o título de doutora em Educação. É a primeira travesti do país a concluir um doutorado). Quantos gays e lésbicas já são doutores? Mas tem. Trans não.

Não existe inserção de trans na escola. Elas, quando ingressam no colégio, muitas vezes não têm dinheiro para pagar passagem. Qual é a política de inserção de uma travesti na escola? As outras pessoas que frequentam o EJA (Educação de Jovens e Adultos) vão lá assistem aula, voltam para casa e têm comida, onde dormir. E as travestis que não tem qualquer estrutura?

Política

O governo federal tem apontado algumas ações, mas quando chega na ponta a política não é executada. Um exemplo recente é de um cartaz enviado para os estados com foto de trans e número da lei que garante o nome social no cartão do SUS, uma campanha do Ministério da Saúde e Secretaria de Direitos Humanos. Veio uma boa quantidade pra Vitória, mas ninguém viu o material. Liguei no governo federal e confirmei o envio, número do protocolo, data do despacho. Isso é o que a gente chama de homofobia institucional.

Por que que eu me defino como trans. O nome travesti hoje não nos representa bem. No movimento isso ainda não ficou tão definido. Eu e outras meninas adotamos apenas o nome trans, porque travesti no dicionário Aurélio diz que é pessoa que se fantasia do gênero oposto ao seu para espetáculos teatrais. E nós não estamos vivendo um espetáculo teatral. Nós vivemos a nossa transexualidade. Nós vivemos 24 horas mulher. Temos que nos arrumar, vestir, maquiagem. Somos pessoas trans, com cirurgia ou sem.

Gays em Presídio

Nos presídios têm detectores de metais. O equipamento estava estragado havia três dias e apitava as vezes sem qualquer motivo. Na hora que a trans passou ele apitou. Levaram ela pro IML, onde tinha outra máquina, que também estava quebrada. O que eles fizeram? Colocaram a mão no ânus dela para revistar manualmente. Quando ela voltou ao presídio, tem um procedimento, um relatório que você descreve se foi ou não submetido a tortura, maus tratos. Ela falou que ia denunciar, que estava com muita dor e sabia de seus direitos. Daí um cara virou pra ela e disse que se você ela não faria isso, que iria se complicar e ela acabou não denunciando.

Todo mundo tem o mesmo direito, mas quando fala em LGBT é diferente, é menos.

No presídio Média 1, em Viana, quando uma trans ou gay assume o relacionamento com uma pessoa – assumir não é nem ficar junto -, alguém que às vezes fica no outro lado da cadeia, se descobrem o castigo é parar de estudar. A pessoa fica o tempo inteiro dentro daquela cela.

Há inúmeros relatos de violências por causa de orientação sexual.

A criação das alas gays (atualmente Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso, Paraíba e Rio Grande do Sul) reservam espaços exclusivos para os detentos homossexuais. Em 2014 as celas LGBTs serão implantadas na Bahia, no caso do Espírito Santo são duas celas em Viana. Então, quando uma trans é presa em São Mateus (Norte do Estado) e mandada pra cá. Isso não é bom, porque a família, os amigos estão lá. A visita é muito importante. Então, o governo tem que pensar nisso. Uma trans precisa de uma pinça, um pente e isso tudo é proibido no presídio. É a ditadura do gênero. Trans são colocadas para limpar cela, fazer serviços domésticos em presídio masculino. Tem cadeia que não deixa entrar preservativo pela lógica que se são pessoas do mesmo sexo elas não precisam, por que não vão fazer sexo. Aí há uma propagação imensa de doenças sexuais, de HIV, mesmo com a disponibilização por parte do governo federal de preservativos, de remédios para HIV. É um sistema difícil de trabalhar. Conheço menina que saiu da penitenciária com HIV. Isso é muito triste. A pessoa ser contaminada dentro da cadeia."